



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

TÂMARA CRISTINA SILVA DE ARAÚJO BARROS

**BONECAS, GRINALDA E RECATO:
MULHERES SUSSUAPARENSES DE MEADOS DO SÉCULO XX**

PICOS-PI

2013

TÂMARA CRISTINA SILVA DE ARAÚJO BARROS

**BONECAS, GRINALDA E RECATO:
MULHERES SUSSUAPARENSES DE MEADOS DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduado em História**. Elaborada sob orientação da Prof^ª. Ms. **Olívia Candeia Lima Rocha**.

PICOS-PI

2013

Eu, **Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI ___ de _____ de 2013.

Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B277b Barros, Tâmara Cristina Silva de Araújo.
Bonecas, grinalda e recato: mulheres sussuaparenses de meados do século XX / Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros. – 2013.
CD-ROM ; 4 ¾ pol. (50p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): MSc. Olívia Candeia Lima Rocha

1. Mulher - História. 2. Infância. 3. Matrimônio. 4. Anos Dourados. 5. História – Piauí - Mulheres I. Título.

CDD 981.728

TÂMARA CRISTINA SILVA DE ARAÚJO BARROS

BONECAS, GRINALDA E RECATO:

MULHERES SUSSUAPARENSES DE MEADOS DO SÉCULO XX

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduado em História**. Elaborada sob orientação da Prof^a. Ms. **Olívia Candeia Lima Rocha**.

Aprovada em: 22 / 08 / 2013

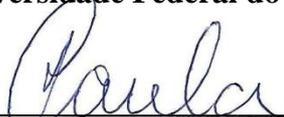
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Olívia Candeia Lima Rocha (Orientadora)
Mestre em História do Brasil
Universidade Federal do Piauí



Prof^o. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro (Membro 1)
Mestre em História Social
Universidade Federal do Ceará



Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro (Membro 2)
Mestre em História Social
Universidade Federal de Uberlândia

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esse tempo em que tive a difícil missão de concluir um curso superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter iluminado o meu caminho durante esta trajetória.

Agradeço ao meu esposo Walney que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Agradeço ao meu filho Heitor Gabriel, que dentro do meu ventre, não tem conhecimento desta jornada, mas iluminou de maneira especial os meus pensamentos.

Não deixo de agradecer de forma grandiosa aos meus pais, Gilmar e Sandra, a quem rogo todos os momentos pela minha existência, se não fosse vocês dois nada disso seria possível.

E o que dizer aos demais?

Obrigada Professora Olívia pela orientação deste trabalho, obrigada aos professores da graduação que foram tão importantes na minha vida acadêmica, obrigada aos amigos e companheiros de jornada, com quem compartilhei momentos de felicidades e tristezas durante esses cinco anos.

A todos, minha eterna gratidão, essa conquista não é só minha, é nossa!

[...] a vida de uma menina: à princípio sente-se feliz em possuir uma bonequinha. Algum tempo depois pede uma boneca maior e a seguir um carrinho em que possa conduzir a boneca. Toda a vez que realiza uma esperança supõe sinceramente que isto lhe satisfará permanentemente. Ao passar o tempo, porém, novos desejos surgem e suspira por novas evidências de maturidade e progresso. Ao atravessar os anos da adolescência, seus pensamentos centralizam em grande parte nos vestuários e ornamentos. E então não mais se interessa por bonecas, mas em nenês vivos [...] Finalmente, depois de haver estabelecido seu lar chega a compreender que sua mais acariciada ambição é possuir um filho próprio.

Haroldo Shryock, 1959

RESUMO

A década de 1950 do século XX representou uma ascensão no que concerne às discussões acerca do gênero e do papel da mulher no mercado de trabalho e no casamento. Mesmo assim, esse foi um período em que se percebia uma clara diferenciação entre homens e mulheres, em que elas eram consideradas inferiores a eles. O espaço reservado a cada um nos anos dourados, ou a década de 1950, era o lar para a mulher e os espaços públicos para o homem, já que defendia-se uma superioridade dos mesmos. Este trabalho se propõe a estudar a mulher sussuaparense da década de 1950, no que concerne à infância, namoro, casamento e os filhos. A vontade em abordar essa temática surgiu a partir do interesse de entender a mulher como um ser social capaz de aprender, lutar, sonhar, desejar e conseguir, além do fato da própria compreensão dos pensamentos que norteiam a permanência do comportamento tradicional feminino como sendo responsável pelo bom andamento social, envolvendo então a construção da mulher sob etapas, que vão desde a infância até a formação familiar nos “Anos Dourados”. Utilizou-se uma entrevista temática com três mulheres que nasceram entre as décadas de 1930 e 1950, escolhidas pela sua relevância e notoriedade na sociedade sussuaparense e participantes dos anos dourados. Diversos autores foram usados, dentre eles Castelo Branco (2008) e (2005), Bassanezi (2002), Beauvoir (1967), dentre outros, que subsidiaram a pesquisa.

Palavras-chave: Mulher. Infância. Matrimônio. Anos Dourados.

ABSTRACT

The 1950s of the twentieth century represented a rise in relation to discussions about gender and the role of women in the labor market and marriage. Even so, this was a period in which they perceived a clear differentiation between men and women, as they were considered inferior to them. The space reserved for each of the golden years, or the 1950s, it was home to his wife and public spaces for the man, as it defeated the superiority of the same. This paper aims to examine the woman sussuaparense the 1950s, with regard to childhood, dating, marriage and children. The will to address this issue arose from the interest to understand women as a social being able to learn, strive, dream, desire and achieve, beyond the fact of their understanding of the thoughts that guide the permanence of traditional female behavior as being responsible the proper conduct social, involving the construction of women then in stages, ranging from early childhood to family formation in the "Golden Years". We used a thematic interviews with three women who were born between the 1930s and 1950s, chosen for their relevance and prominence in society sussuaparense and participants of the golden years. Several authors have been used, including White Castle (2008) and (2005), Bassanezi (2002), Beauvoir (1967), among others, which supported the research.

Keywords: Women. Childhood. Marriage. Golden Years

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SER MULHER	16
1.1 Da boneca ao rouge: a infância e a adolescência feminina nos “Anos Dourados”	16
1.1.1 Infância e adolescência das mulheres sossuaparenses.....	21
1.2 À flerte da pele: a construção de identidades, a sociabilidade e o flerte	24
1.2.1 À flerte da pele e as mulheres sossuaparenses	28
2 DE VÉU, GRINALDA E AVENTAL: O SONHO DO MATRIMÔNIO, A CONDIÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO, O RECATO DO LAR E O SER MÃE	32
2.1 O matrimônio.....	32
2.1.1 As mulheres sossuaparenses contraem matrimônio	34
2.2 E as letras? O desejo profissional	37
2.2.1 As mulheres sossuaparenses e o mercado de trabalho	40
2.3 O recato do lar: mulher e família.....	41
2.3.1 A mulher sossuaparense e a reclusão do lar	42
2.4 A fêmea dá a luz: ser mulher e ser mãe	43
2.4.1 As mães sossuaparenses	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A mulher é um sujeito que vai sendo construído e modelado pela sociedade. O aspecto social da desigualdade entre o homem e a mulher, através das relações que estes estabelecem ao longo de suas vivências e não meramente como um fator de natureza, assegura que não é a forma que seus corpos assumem desde a geração, homem ou mulher, mas que deve haver uma sociedade hierarquizada, garantindo os espaços e os deveres sociais de cada um.

Então em uma sociedade construída historicamente, vai sendo determinado o papel da mulher e como esta deve se comportar. O comportamento feminino entra em discussão, já que de forma tradicional à mulher cabe ser dona de casa, mãe exemplar e uma esposa dedicada a seu marido, aspectos estes que vão sendo atribuídos desde a infância.

Analisando essas características femininas, surge o macho, ser patriarcal, para repreender, oprimir, proteger e ser superior, cabendo a este o espaço público dos negócios, da política, para manter seus filhos e sua companheira que está em casa, no espaço privado e limitado feminino, afirmando os papéis naturais do ser humano.

A vida feminina no início do século XX transcorria principalmente no espaço doméstico. Nele a mulher exercia suas funções sociais. O casamento, já então baseado no amor e na liberdade de escolha, fazia do lar um lugar privilegiado, de felicidade, que se completaria com a procriação e o conseqüente exercício da maternidade, vista como a atividade mais doce e invejável que a mulher poderia exercer. O lar era o espaço privilegiado dessa mulher, onde ela reinava soberana, fazendo-o um lugar elegante, festivo, entretanto sem tumulto, sem banalidades. Essas deviam ser as preocupações da mulher que desejasse conquistar para sempre o amor do marido, e se perpetuar na memória dos filhos que deixassem a casa paterna (GAZETA, 1905, n.32, p.3, *apud* CASTELO BRANCO, 2005).

A partir da reflexão deste trecho retirado do texto “*A arte de viver na sociedade*”, da revista Gazeta, de Teresina – PI, datada de 24 de agosto de 1905, buscamos compreender aspectos relacionados à mulher e a sua condição como ser humano, a infância, a juventude, o amor, o casamento, o marido, a família, os filhos, sendo assim, o seu lugar na sociedade e os seus desejos sejam pessoais ou profissionais.

A história da vida feminina sofreu transformações que podem ser analisadas no decorrer do tempo. É em algumas mulheres sussuaparenses do Piauí, de meados do século XX, que este trabalho monográfico encontra uma base para a sua discussão, tendo em vista o

modelo tradicional e a ideologia que ditava a correta composição do ser mulher para o matrimônio e a família.

Escolhemos a década de 1950 por que este é um momento propício para a discussão acerca dos papéis de gênero, já que era pertinente, segundo Castelo Branco (2008), que se levantassem inquietações acerca do que era ser homem ou ser mulher, uma jovem, uma criança, uma solteirona, um homossexual, enfim, discussões que eram possíveis por conta das novas hierarquias econômicas, sociais e políticas pelas quais passava a sociedade do período. Destacamos que foram entrevistadas não só mulheres que nasceram nessa década, mas também que nasceram por volta da década de 1940, para que assim tivéssemos uma noção melhor acerca do nosso tema.

A ideia de trabalhar essa temática surgiu a partir do interesse de entender a mulher como um ser social capaz de aprender, lutar, sonhar, desejar e conseguir, além do fato da própria compreensão dos pensamentos que norteiam a permanência do comportamento tradicional feminino como sendo responsável pelo bom andamento social, envolvendo então a construção da mulher sob etapas que vão desde a infância até a formação familiar com condutas de conservação e respeito nos “Anos Dourados”. A influência tida durante a graduação, na leitura de textos que discutiam a questão de gênero, como por exemplo, Margareth Rago em *Do Cabaré ao Lar* durante a disciplina Brasil República I, as lutas sociais femininas que não serão discutidas a fundo, mas que servem de base para entender muitos discursos e o que estes querem apoiar ou desaprovar no referente à vida de um modo geral, da mulher, contribuíram singularmente para essa escolha.

Para compor este trabalho foram utilizados referenciais teóricos como, Castelo Branco (2005) e (2008), Del Priore (1995), Delgado (2003), Thompson (1992), Hall (2005), Alttiman (2009), Beauvoir (1967) e Cardoso (2010), dentre outros, garantindo a relevância que a leitura bibliográfica possui na composição de um texto. Alguns sujeitos históricos também foram de primordial importância para este trabalho, onde através da entrevista e conversa com mulheres que viveram o contexto histórico de meados do século XX, na cidade de Sussuapara-Piauí, foi possível conhecer a relação entre a memória dessas pessoas e as suas vivências, onde o sentido das entrevistas tornou-se o sentido mesmo dessa escrita.

Não obstante, o que se dá na verdade é que, em geral, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista

(THOMPSON, 1992. p. 255). Afirma-se então, que não foi o tema deste trabalho quem definiu essas mulheres a serem entrevistadas, mas, a história dessas mulheres que procurou este texto para ser contada. Então foi salutar analisar a vida e que fragmentos desta caberiam no decorrer dos capítulos.

A pesquisa foi realizada com três mulheres da cidade de Sussuapara Piauí, que fica localizada próximo à cidade de Picos Piauí. Duas delas são da década de 1930, enquanto uma é da década de 1950. As idades foram escolhidas para percebermos qual a visão delas acerca do papel feminino ao longo do século XX. As duas primeiras porque viveram a década de 1950, considerada a primeira parte dos anos dourados, enquanto uma viveu a partir disso, que foi a segunda fase dos anos dourados.

A escolha dessas mulheres, Josefa Alves Veloso, Helena de Sousa Nunes e Francisca Madalena de Sousa Carvalho, foi feita de maneira estratégica, por serem consideradas as mais velhas na cidade e que viveram o período dos “Anos dourados”, assim como o interesse em discutir história das mulheres, gênero, memória e história de vida e foi percebido então que podia se firmar nelas o aprofundamento do campo metodológico e do enquadramento teórico dessa pesquisa. A fim de conhecer melhor nossas entrevistadas, segue um resumo da história delas.

A primeira entrevistada foi Josefa Alves Veloso, que nasceu em Picos/PI em 23/02/1933, mas logo em seguida foi residir na Sussuapara/PI. Possui apenas uma irmã por parte do pai, do seu terceiro casamento, que só veio conhecer aos 40 anos de idade. Casou-se em 11 de outubro de 1953, com 20 anos de idade e seu noivo 21 anos de idade. O seu esposo foi Joaquim Francisco Veloso.

A segunda entrevistada foi Helena de Sousa Nunes, nascida em Sussuapara-PI em 16/05/1931, e casou-se em 01 de novembro de 1947, quando possuía 16 anos e seu noivo 21 anos de idade. Teve 10 filhos, sendo 5 homens e 5 mulheres, atualmente só tem 4 filhos vivos, 1 homem e 3 mulheres. Seu esposo era Elói de Moura Fé.

Por fim, entrevistamos dona Francisca Madalena de Sousa Carvalho, nascida em 09/01/1953, em Sussuapara Piauí. Casou-se em 30 de maio de 1980, quando possuía 26 anos de idade e seu noivo 23 anos de idade. Teve 02 filhos, sendo 01 homem e 01 mulher. Antônio Rodrigues de Carvalho era o nome de seu marido.

Destacamos que preservamos alguns dos traços linguísticos das entrevistadas, que fogem à norma culta e padrão da língua portuguesa.

A partir da composição das entrevistas, fez-se necessário o entendimento sobre a dinâmica, o verdadeiro objetivo, ou seja, qual interesse carregavam as perguntas realizadas para ter as trajetórias de vidas passadas e alocadas em um tempo presente como uma fonte que leva em consideração a memória associada à história e ao tempo. A memória dessas mulheres formou essa dinâmica e construiu os principais objetivos desse texto, logo, é preciso entender o que é memória como uma ponte de acesso à pesquisa e a escrita.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO, 2006, p. 16).

Assim sendo, a memória como uma metodologia da história oral pode apresentar os sentimentos, as lembranças, as subjetividades, os registros, as saudades, comportamentos e com os depoimentos, o compartilhamento de histórias vividas para uma produção de conhecimento histórico. Tão logo, a memória não é a história em si, homogênea, única e verdadeira, mas uma herança histórica de processos, significados múltiplos, fatos individuais e coletivos e para que esses sejam repassados recruta-se a oralidade, a fala, a voz e nesse sentido, vozes femininas.

A história oral é um desafio para o historiador por seguir uma história de transformação, de ordens sociais, políticas e econômicas, de conflitos, enfim, do ser humano e da natureza que o cerca, além de ser o guia de um depoimento responsável pelas expressões e, uma volta ao passado o fio condutor das mesmas.

Entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje (DELGADO, 2006, p. 18).

As falas das mulheres entrevistadas vão dando a temporalidade de cada fato relatado sobre suas histórias de vida que estão vinculadas aos depoimentos e ao intuito desse projeto que se baseia em análises de biografias múltiplas e variadas, decorrendo sobre cada história de maneira particular e coletiva, ao se conhecer os modos de vida, os costumes, ambientes e revelando que muito embora exista um caminho universal nesse contexto para as mulheres, a de mãe, esposa e dona-de-casa, as suas histórias de vida, são histórias de mulheres e não de uma única mulher pura e atemporal, ou seja, o tempo passando, se modernizando e ela permanecendo a mesma.

Nessa perspectiva, as entrevistas temáticas foram realizadas com as entrevistadas em suas casas. Essas passaram de informantes de acontecimentos vividos à pesquisa e se tornaram colaboradoras de fato para este artigo, privilegiando suas experiências, suas narrativas históricas e principalmente respeitando as suas visões pessoais, distorções, silêncios e até omissões.

Enquadrando teoricamente essa discussão, é salutar decorrer sobre a micro-história, tratando-se de um gênero historiográfico que contribui para o foco de um trabalho de pesquisa, onde leva-se em consideração objetos específicos de estudo para apresentação de realidades. Assim sendo delimitou-se o tema e o tempo deste trabalho facilitando uma maior reflexão sobre aquilo que realmente deseja ser contado (BURKE, 1992).

O gênero é um termo que ajuda a constituir as relações sociais e a perceber as diferenças, conforme Castelo Branco (2008), dando um significado às relações de poder, ou seja, saber por que as diferenças permitem uma hierarquização onde o homem se sobrepõe à mulher. E embora essa categoria seja relacional, ao se tratar de homem e mulher, para a constituição desse artigo monográfico necessitou-se de um recorte e a abordagem tem como foco principal uma visão feminina.

Logo, a categoria gênero analisa a diferença dentro da própria diferença esboçando a necessidade de um entendimento múltiplo sobre as mulheres, desviando do universalismo e da tentativa de construção de uma identidade feminina que designe a todas, se mostrando como uma diferença cultural separada das percepções naturalizadas, tendo em vista que as apropriações para homens e mulheres variam de lugar para lugar. Esse novo nível de conhecimento quer dizer que as diferenças não devem ser verificadas e concebidas analisando apenas o corpo fisiológico, até mesmo porque o corpo humano pode assumir formas variadas,

e, analisar as diferenças a partir do gênero é levar em conta as múltiplas fundamentações dos comportamentos reais do ser humano.

Para melhor compreender o trabalho, ele foi dividido em dois capítulos. Antes, no entanto, são feitas as considerações iniciais acerca do estudo, apresentando a temática e os objetivos dele, além de fazer uma descrição acerca dos sujeitos de pesquisa. Após isso, o primeiro capítulo discute a questão da infância nos anos dourados, de como era o comportamento, as brincadeiras. O segundo capítulo aborda a mulher no mercado de trabalho, o matrimônio, o ser mãe e mulher. Por fim, são feitas as considerações finais e apresentadas as referências bibliográficas que subsidiaram o estudo, além dos apêndices, que correspondem ao roteiro de entrevista aplicado às mulheres.

1 SER MULHER

1.1 Da boneca ao *rouge*: a infância e a adolescência feminina nos “Anos Dourados”

Como esta pesquisa propõe-se a analisar alguns aspectos da feminilidade dos anos dourados em Sussuapara Piauí, é importante destacar aspectos históricos que são relacionados ao período dos anos dourados, ou seja, o país passava por um momento de efervescência em todos os aspectos, especialmente na sua história.

Os anos dourados, ou a década de 1950, conforme Bassanezi (2002), conheceu a ascensão da classe média, que foi proporcionado pelo crescimento urbano e industrial advindo do fim da Segunda Guerra Mundial. Este foi um período em que tanto homens como mulheres tiveram mais oportunidades de se inserirem no mercado de trabalho e no espaço educacional.

Bassanezi (2002) destaca que, apesar desse aparente avanço, ainda continuavam bastante nítidas as diferenças entre homens e mulheres. Segundo ela, a moral sexual diferenciada ainda era muito forte, e o trabalho das mulheres ainda era visto com bastante preconceito:

Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina – impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico -, também foi influenciada pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade (BASSANEZI, 2002, p. 608).

As famílias que se apresentavam como modelo nessa época eram as que os homens eram detentores da autoridade e poder sobre as mulheres, sendo responsáveis pelo sustento da família. A mulher ideal seria aquela com papéis femininos tradicionais, como uma dona de casa exímia, que cuidava dos filhos e do marido. Também, as jovens da época tinham de ser puras, terem instinto materno aguçado, doces e recatadas.

O período dos anos dourados apresentava alguns aspectos peculiares no que concerne às questões de infância e adolescência da época. Um trecho de um jornal da época pode nos dar uma noção de como era essa questão:

[...] há brinquedos básicos que falam o idioma da humanidade inteira, e para estes não há possibilidade de passar da moda nem de época [...] uma menina é uma pequena mãe, e uma boneca sempre terá guarida em seus braços [...] um menino estará sempre por aquilo que reclamam sua destreza desportiva

[...] uma pessoa que vai fazer um presente de um brinquedo [para uma criança] deve procurar o simples, o que responda ao natural instinto da criança... (jornal das moças, 08 de junho de 1953, apud BASSANEZI, 2002, p. 609).

Conforme visto, o ser mãe, esposa e dona de casa era considerado um percurso natural de todas as meninas da época. Essa que era a ideologia dos “Anos Dourados” incumbia à menina de dedicar-se ao lar, como uma mulher que seguia o curso natural da vida e, caso fugisse a esses padrões, estava indo contra a natureza feminina.

Desde pequenas, as meninas eram educadas por sua mãe para serem donas de casa, boas mães e excelentes esposas. Pregava-se no período que o casamento era o sonho de toda moça, era a plena realização feminina de todas as moças solteiras.

Diferentemente dos anos de 1950, hoje, na construção da sexualidade adolescente há uma tendência de que o mesmo dê início a sua vida sexual cada vez mais cedo, não buscando as informações corretas, podendo contrair doenças ou engravidar sem que haja um planejamento, diferente de antes que deveria ser permitido apenas após o casamento. Correa:

Os jovens não têm informações consistentes e que possam incorporar sobre o desenvolvimento e a saúde sexual, embora recebam muitas informações sobre sexo, nem sempre sabem tanto quanto aparentam saber, além do mais, tem pouco acesso à orientação e a serviços de planejamento familiar, sendo a fonte de seu saber, muitas vezes, conceitos equivocados, carregados de tabus, oriundos de colegas e amigos que também não tiveram acesso a educação em sexualidade, portanto, a desinformação neste setor se tona um círculo vicioso, difícil de romper (CORREA, 2005, p 23).

É claro que nem sempre ocorria dessa maneira nos anos de 1950, pois sabemos que muitas jovens antecipavam sua vida sexual, tendo parceiros antes de se casar, mas como veremos à frente, essas moças eram vistas como “perdidas”, que não tinham condições de conseguir um bom parceiro para se casar.

Assim, pode-se dizer que ser adolescente, principalmente nos anos de 1950, é estar envolto em diversos sentimentos, em que a sexualidade feminina e a masculina têm seu próprio estereótipo. O adolescente já entra na adolescência com a cobrança de ter que mostrar sua masculinidade e feminilidade, com permissões ou proibições, conforme Souza:

A sexualidade masculina e a feminina são construídas socialmente e criam estereótipos em que a sexualidade masculina é reconhecida como incontrolável, cheia de permissões e incentivos e sendo esperado dos rapazes certa ousadia em relação ao sexo, já a sexualidade feminina, é recheada de

cobranças e restrições, a virgindade é apregoada e a sexualidade deve ser despertada e subordinada a vontade do homem (SOUZA, 2002, p. 49).

Nota-se que a liberdade feminina não é como a masculina, já que existe uma cobrança maior em relação a sua sexualidade, e sua iniciação, e mesmo com tantos avanços, a mulher na sociedade ainda tem sua conduta bem mais rígida do que o homem. Ela cresce com uma visão mais romântica das suas relações amorosas, enquanto ele já se preocupa com sua performance, sua virilidade.

Nesses conflitos vivenciados pelo adolescente, é importante mencionar que não é homogênea a forma que cada cultura lida com essa passagem da fase adolescente para a fase adulta, porque será relacionada com fatores culturais, e com valores pré-estabelecidos em cada sociedade:

A heterogeneidade das estratégias culturais para lidar com esta passagem não desapareceu em diferentes contextos culturais e os ritos de passagem tradicionais convivem muitas vezes com discursos, normas e práticas derivadas de concepções modernas sobre o momento desta transição (CORRÊA, 2005, p. 35).

No entanto, a infância e a adolescência da época de 1950 não eram vistas de maneiras iguais para todas as mulheres, já que havia uma distinção entre “moça de família” e “moça leviana”. Bassanezi (2002) destaca esse ponto chamando a atenção para passagens descritas em revistas da época, que diferenciavam esses dois tipos de meninas. Às tidas como “de família” cabia o respeito social, além da possibilidade de um bom casamento, ou seja, uma verdadeira rainha do lar, nas palavras da autora. Já às segundas cabiam o abandono, já que haviam tido intimidades com outros homens antes do casamento, sendo muitas vezes chamadas de prostitutas.

As adolescentes que ficavam no recato de seus lares eram consideradas bem faladas, ao contrário das que viviam nas ruas, flertando com homens. As “boas moças” respeitavam os pais, tinham gestos contidos, preparavam-se de maneira adequada para o casamento, conservavam sua inocência. Além do mais, deveriam se manter virgens até o casamento.

Bassanezi (2002) diz que as adolescentes da época eram consideradas ingênuas e perigosamente inconsequentes, daí seus pais manterem uma vigilância acirrada sob os passos das mesmas.

Também ficou proibida às moças dos anos dourados a leitura de certos livros, já que muitos diziam que a literatura influenciava de má forma a essas jovens. O cinema também foi acusado pelos mais críticos de trazer más influências, principalmente o de origem americana.

Destaca-se o fato de que as moças deveriam conhecer rapazes para se casar, já que estava fora de moda casar sem afeto. Os pais não podiam ser mais tão rígidos com essas adolescentes, tendo as mesmas que aprenderem o autocontrole, distinguindo o que era certo e o que era considerado errado pela sociedade da época. Deviam dar-se “ao respeito”:

A experiência aconselha, em benefício da moça que quer conviver com rapazes, que, conquanto tenha confiança em si mesma, nunca tenha confiança em tal grau que a exponha a todas as provas. O amor é uma força às vezes cega – é preciso andar sempre de olhos abertos para não cair. [...] Encontrar-se com um desconhecido e sair com ele é arriscar muito. Nem sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela. Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela. [...] chamar a atenção dos rapazes [com gestos estudados e sensuais] é depreciativo para a moça. Os automóveis são um excelente meio de condução. Mas às vezes levam a moça longe demais. É preferível evitá-los em passeios fora da cidade ou em lugares desertos (O Cruzeiro, 24 de maio de 1958 apud BASSANEZI, 2002, p. 612).

Uma moça não podia usar roupas curtas, não poderia ser vista em locais escuros ou na presença de estranhos. Não deveria permitir beijos ousados, abraços intensos ou outras coisas relacionadas à sexualidade. Também não deveriam andar na companhia de moças levianas, para não darem mal-exemplo.

Beauvoir (1967) destaca que desde a infância a passividade caracterizava a mulher. Aos homens, por si só, sua maneira de existir já os encorajava. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. A autora cita como exemplo que, subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças.

Já a mulher, diz Beauvoir (1967), há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro". Sua família a ensina que para agradar é preciso procurar agradar,

fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. Cardoso (2010), tratando dessas características na cidade de Teresina Piauí, na década de 1950, confirma o que foi dito acima, quando diz que essas foram características primordiais para designarem a diferença e as hierarquias de gênero, onde a mulher sempre era colocada num patamar inferior ao do homem.

A boneca era presente de maneira marcante na infância das mulheres, pois, além dessa esperança que o brinquedo concretiza à vida caseira, fornece também à menina possibilidade de afirmação. Quanto aos serviços domésticos desempenhados na infância, Beauvoir (1967, p. 27) destaca:

Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. Por comodidade, hostilidade ou sadismo, a mãe descarrega nela boa parte de suas funções; ela é então precocemente integrada no universo da seriedade; o sentido de sua importância ajudá-la-á a assumir sua feminilidade, mas a gratuidade feliz, a despreocupação infantil são-lhe recusadas.

Conforme visto, as meninas das primeiras décadas do século XX eram mulheres antes da idade, pois conheciam cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano; chega adulta à adolescência, o que dá à sua história um caráter singular. A menina sobrecarregada de tarefas pode ser prematuramente escrava, condenada a uma existência sem alegria. Mas se só lhe pedem um esforço ao seu alcance, ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária com as "pessoas grandes". No entanto, acreditamos que esse pensamento era ingênuo, já que isso era uma preparação para que as mesmas tornassem-se boas donas de casa para agradar seus maridos, ao passo que a verdadeira infância, com brincadeiras e jogos, era deixada de lado, sem que ao menos essas meninas percebessem.

A infância dessas meninas era, por vezes, confundida com sua adolescência, já que desde cedo eram preparadas para aprender a hierarquia dos homens sobre elas. Beauvoir

(1967) destaca que a cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. As meninas ouviam histórias dos homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram e que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. Além disso, a literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens, ou seja, era através de olhos masculinos que a jovem explorava o mundo e nele decifra seu destino.

Numa idade mais ou menos precoce, a menina sonha que já atingiu a idade do amor; com nove ou dez anos ela se diverte com se arrebicar, encher o corpinho, fantasiar-se de senhora. Não procura, entretanto, realizar nenhuma experiência erótica com os meninos: se lhe acontece ir com eles aos cantinhos e brincar de "mostrar coisas", é somente por curiosidade sexual. Mas o parceiro dos devaneios eróticos é um adulto: ou puramente imaginário, ou evocado com ponto de partida em indivíduos reais: neste último caso a criança satisfaz-se com amar a distância (BEAUVOIR, 1967). A partir desse ponto são construídas as questões referentes ao flerte, que discutiremos no item 1.2.

1.1.1 Infância e adolescência das mulheres sussuaparenses

Conforme vimos no tópico anterior, a infância das mulheres das primeiras décadas do século XX era peculiar, com características diferenciadas, como por exemplo, por ser este o momento em que era feita uma distinção entre homens e mulheres, com enfoque para a supremacia daquele sobre esta.

Por isso, buscou-se compreender, a partir das entrevistadas como tinha sido sua infância, quais as características mais marcantes, o que elas recordavam desse momento. Segundo elas, não foi fácil, pois:

Ah, a infância naquele tempo era difícil, por que não tinha história de ninguém tá andando só, ou com todo mundo, tinha as pessoas da gente andar, tinha aquelas pessoas da maior confiança. E aí assim, a infância foi só de nois ir pra uma festa, mas quando meu pai ia mais minha madrasta. Ai nois ia, dançava (Josefa Alves Veloso, 2013).

Naquele tempo a infância era só trabalhar nas roça e de noite, quando era dia de sábado que o pai queria levar numa festinha que tinha era os amigo, que botava uma festinha, ai a gente ia pra essas festinha, mais o pai e a mãe, que sozinha num ia não, desse jeito e logo eu casei, a infância foi pouco tempo. Mas eu brinquei, brinquei muito, com minhas amiguinhas, tinha muita amiguinha, brincava só de boneca, brincava de moita, assim debaixo das

moita ,nois fazia as casinha, pra fazer as casinha de boneca, era assim, só isso. Tinha as boneca que nois fazia de pano, não tinha dessas bebel, que tem essas boneca de hoje, num tinha nada, era só assim, fazia de pano, de essas coisa assim (Helena de Sousa Nunes, 2013).

As brincadeira era simples, era brincadeira de roda, de anel, do trisca né, a gente corria muito, e das boneca de pano. Hum, hum, só na vizinhança mesmo, naquele tempo tinha as Igreja, mais era a católica e era mais difícil, a que tinha era a de Picos, a Igreja daqui já veio aparecer depois deu moça, tinha em ano em ano, aqueles festejo (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

O relato da dona Josefa aponta que era difícil, ou seja, as meninas da época não tinham as mesmas liberdades que as de hoje, citando inclusive a dificuldade que as mesmas tinham para conseguirem sair de casa, pois havia o olhar supervisionado do pai e da mãe. A dona Helena relata que trabalhou bastante na roça, confirmando o que Beauvoir (1967) abordou que as meninas da época eram inseridas muito rapidamente nos serviços domésticos e, inclusive, como a pesquisa trata de mulheres do interior, essas começavam a fazer serviços pesados na roça ainda em sua infância. Destacamos um ponto importante relatado pela dona Helena, quando disse que sua infância foi muito curta, e que se casou muito cedo. O trabalho no campo era muito comum para mulheres de classes sociais menos favorecidas. As brincadeiras também refletiam a classe a que pertenciam, pois como Francisca Madalena citou, usavam bonecas de panos e brincadeiras acessíveis, que não era necessário fazer gastos.

Conforme observado na fala das entrevistadas, havia um grande recato por parte das mulheres, que deveriam ficar em casa e só saíam se fosse em companhia de um adulto da família, no caso dela sua madrasta e pai. Conforme visto nesse trabalho, as mulheres eram bastante supervisionada pelos adultos, especialmente o pai, o que mostra a figura da superioridade do homem sobre a mulher. Inclusive, ainda muito criança, conforme destacou a mesma, ela começou a fazer os serviços domésticos. Quando sobrava um tempo, a mesma brincava de boneca que, segundo ela: “Hum, hum, hum, brincando de boneca, daquelas feitas de sabugo, pra brincar mais as amigas, brincadeira de casinha” (Josefa Alves Veloso, 2013).

As brincadeiras de criança também dizem muito da criação e diferenciação entre homens e mulheres. Brincar de boneca é uma preparação para a vida como dona de casa, dedicada aos filhos, ao marido e ao lar. Na fala da terceira entrevistada, dona Francisca, já há uma maior abertura para as brincadeiras, ao que parece os serviços domésticos não são mais tão obrigatórios, como nos dois primeiros casos. Quando indagadas sobre quais eram as suas funções dentro de sua casa, as entrevistadas responderam que:

Meu Deus do céu, em tudo, em tudo, de botar água, pisar em pilão, lenha, tudo, tudo, tudo. Era eu e minha irmã de criação, nois ajudava em tudo de casa, ai aprendemos a costurar, fazer trança, fazer chapéu, cesta pra vender, pra ajudar o vei fazer a feira, só que era difícil nois ir fazer feira mais ele, ele era quem fazia, tinha aquele cuidado, era só pra nosso mantimento, comprar roupa pra nois, calçado, um perfume assim, taboquinha, sabonete, era essas coisinha, botava nois mesmo pra trabaiar, aprendemos fazer de tudo, graças a Deus, de croché, trança, cesta, fiar, fio pra poder tecer rede, tudim, tudo nois aprendemos, graças a Deus (Josefa Alves Veloso, 2013).

Ajudava muito minha mãe, ajudei muito, nois fiava muito nesse tempo, nois panhava algodão, nois panhava feijão, nois plantava feijão, ajudava papai nas roça, limpando e quando eu me casei, fui morar lá na Baixa (município de Sussuapara), na casa de lá, mas ajudava a plantar também legume, só não ia era pra enxada, mas ajudava a plantar, a cuier. Mas ajudava a limpar a casa, ajudava lavar roupa, comida, tudo, tudo isso, eu fazia (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Ajudava, ajudava, tudo, na roça, e em casa, fazia comida, limpava, passava, ia pra roça cedo, botava água, como se diz, de primeira a gente botava água era na cabeça, aquelas lata d'água na cabeça, pegava no rio, nesse tempo era do rio, no inverno era naqueles pocinho, a gente ia botar água era cedo, era terminando de botar água pra ir pra roça, trabalhava até 10, 11 horas (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

Os trabalhos domésticos eram inerentes às meninas, principalmente se essas adolescentes fossem as mais velhas, se aumentava mais ainda a carga dentro lar. Não obstante, observamos isso nas falas das três entrevistadas, pois todas realizavam os mais diversos serviços possíveis, que iam desde o plantio na roça aos serviços mais pesados dentro de casa, além da fiação ou serviços artesanais.

Importante destacarmos que a dona Francisca relata que chegava a trabalhar dez ou onze horas por dia, o que fazia com que não sobrasse tempo, ou muito pouco, para se dedicar às brincadeiras de criança. Pelo que percebemos nas três falas, o trabalho era privilegiado em detrimento da diversão, e isso é explicado pelo pouco valor que era atribuído às crianças.

A infância também era um espaço para a construção de sonhos e da sexualidade. Inclusive, destaco que esse foi um dos momentos mais tensos da pesquisa, pois quando relatávamos ou perguntávamos qualquer assunto relacionado a sexo, pudor, as entrevistadas se mostravam desconfortáveis, chegando inclusive a fugir do tema nas respostas. Nesse quesito, indagamos a elas quais eram os sonhos delas na infância, se pensavam em namorar, casar:

Hum, naquele tempo quem imaginava isso, porque as coisa era tudo isolado, vixe quando aparecia assim uma coisa, ave, menino, porque não tinha como

não, não tinha pra onde, era tudo difícil, a pobreza era grande demais, era geral (Josefa Alves Veloso, 2013).

Às vezes pensava... Oh, Oh, toda vida, construir minha família, ter meu marido bom! (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Nam, eu só pensava em casar e ter filhos mesmo, porque a gente tinha uma vida tão difícil e eu tinha vontade de ter uma vida assim tão tranquila, queria ter uma vida calma porque a gente tinha uma vida assim tão agoniada (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

A dona Josefa mostrou-se bastante receosa ao responder, destacando que na adolescência não se pensava de maneira nenhuma em namoros, abordando que tudo era muito fechado, não havia espaço para os sonhos das meninas, e estas não tinham muita informação acerca desses aspectos. Já a dona Helena diz que pensava em casar-se, este era um sonho desde pequena, que pretendia ter muitos filhos. A dona Francisca destaca que pensava em um casamento durante a sua infância, como maneira de ter liberdade, já que as mulheres da época não tinham direitos de sair, além de trabalhar muito, vendo no casamento sua redenção.

Enfim, estas três entrevistadas tiveram uma infância marcada pelo trabalho, pelo abandono dos jogos e brincadeiras e pela preparação para o casamento, para servir bem e com cortesia ao marido, além de serem privadas de seu direito de viverem bem, com uma infância feliz, agradável, que foi substituída pelo trabalho doméstico e na roça.

1.2 À flerte da pele: a construção de identidades, a sociabilidade e o flerte

Para entender a adolescência é necessário compreender que este é um momento importante no processo de consolidação da identidade psicossocial, pessoal e da identidade sexual, ou seja, a construção identitária está automaticamente relacionada a mudanças pessoais. Em consonância, Bocardi (2003) afirma que a fase é permeada de conflitos e crises, por isso, a construção da identidade nessa fase é uma etapa central da evolução do ciclo vital, podendo levar o adolescente a uma aproximação com o estágio da maturidade.

No entanto, antes de adentrar no tema adolescência faz-se necessário conhecer como é feita a construção da identidade nesse período, já que este é o momento mais propício para se reconhecer enquanto sujeito e fazer as escolhas que decidirão o seu futuro, ainda que estas escolhas tivessem ampla influência dos pais e da sociedade da época.

A literatura acadêmica aponta que um dos temas mais debatidos tem sido o conceito de identidade, principalmente ao inseri-la na teoria social, que aborda sobre a fragmentação

do indivíduo moderno em várias identidades, ou seja, todas as pessoas possuem diversas delas conforme a sociedade vai passando por transformações. Essa aparente fragmentação não indica uma crise identitária, pois isso é entendido como um processo normal e sinônimo de evolução social. Ou seja, as pessoas sempre se identificam com outras coisas ou mudam de posicionamentos assumindo papéis distintos.

Em consequência, podem existir diversas concepções acerca do termo identidade, no entanto, optou-se por escolher a que mais se aproxima da realidade atual, concebida da década de 1950 aos dias atuais, que é a de Hall (2005). Para ele, existem três concepções diferentes do termo identidade, que podem ser: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

De acordo com a primeira concepção, a pessoa é entendida como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e ação, em que o centro era interiormente adquirido, o que fica evidenciada por Hall (2005, p. 11):

[...] o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] uma concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade.

Esta configura como uma concepção que já fazia separação entre os gêneros, já que o sujeito iluminista era essencialmente descrito como masculino, preconizando a supremacia masculina em detrimento da feminina.

O sujeito sociológico era percebido como aquele que quebrava a ideia do sujeito autônomo e autossuficiente, apontado para a noção de que as pessoas eram formadas em sua relação com outras, que segundo Hall (2005, p. 11), “que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava”. Assim, o sujeito possui dentro de si o “eu real”, que se transforma todos os dias à medida que entra em contato com outros seres sociais em sua convivência diária.

Conforme o modelo sociológico, sempre que os sujeitos vão se projetando em outras identidades culturais, eles vão construindo e descobrindo quais os lugares que ocupam no mundo social e cultural, tornando-se mais unificados. Contudo, toda essa problemática de construção e desconstrução do sujeito traz consigo uma variedade de problemas, inclusive a não identidade fixa, fazendo com que surja o sujeito pós-moderno, que segundo Hall (2005, p.

13) é “definida historicamente, e não biologicamente”. Isto faz com que o sujeito assuma diferentes identidades à medida que os papéis sociais vão lhe exigindo. Ainda segundo Hall (2005, p. 13):

[...] há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas por que construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu.

Portanto, é equivocada a ideia de um sujeito que permaneça com uma identidade unificada cultural e socialmente, pois a sociedade muda constantemente e com ela as pessoas também evoluem.

Enfim, a noção de identidade vai muito além do que se consegue imaginar ou explicar, já que ela passa pela noção de construção social individual e cada sujeito possui um desenvolvimento diferente do outro.

Assim, o que mais se aceita atualmente é a noção de identidade que não pode ser pensada como fixa, acabada, mas como uma produção construída dentro das representações sociais, aproximando-se portanto desta última noção de sujeito, o pós-moderno.

Nesse sentido, deve-se esclarecer que, ao se referir a identidade, não se confunde com individualidade, nem tão pouco com um produto estático. Concebe-lhes como construção coletiva, os significados, a partir dos quais se relacionam com o mundo e consigo mesmo. Além disso, dizem que identidade múltiplas e plurais podem ser assumidas pelos atores sociais.

Portanto, a construção da identidade dá-se inteiramente no convívio social e pode acontecer durante todo o processo de desenvolvimento humano dos indivíduos, já que desde o seu nascimento, segundo Medrado (1999, p. 72): “o homem inicia uma briga e perene interação com o meio em que está inserido, a partir da qual construirá não só a sua identidade, como a sua inteligência, suas emoções, seus medos, sua personalidade, etc.”. Assim, apesar de algumas características serem comuns a todas as pessoas, existem algumas dessas características do desenvolvimento que se diferem em grande escala quando há diferenças culturais, como por exemplo, o fato de um adolescente de classe média e um com menor poder aquisitivo. Ambos terão seus processos de desenvolvimento diferenciados por conta do contexto, apesar dos dois serem adolescentes ou terem a mesma idade. Como tratamos no

item anterior, moças de família e moças levianas eram tratadas de maneiras diferentes e com certeza, construía suas identidades de maneiras diferentes.

Chega-se, portanto, ao entendimento de que as sociedades podem reforçar, criar e recriar os seus valores a todo instante. A identidade pessoal se constrói permanentemente com a identidade cultural, que é tensa. Concomitantemente, a cultura possibilita às pessoas interpretarem o mundo, os valores, as crenças e as formas de agir, que podem ser produzidas através de processos socializadores das instituições sociais (HALL, 2005).

E mesmo com todas essas regras proibitórias impostas pela sociedade dos anos dourados, não proibiu que muitas moças, como parte da construção de sua identidade social, fizessem algumas transgressões. Muitas liam livros proibidos, fumavam, usavam roupas e penteados ousados, discordavam dos pais, abriam mão do casamento para viver ousadas eróticas e explorar o próprio corpo. Conforme Bassanezi (2002) no processo de construção de sua sociabilidade, muitas moças conseguiram burlar as regras e mesmo fazendo o que a sociedade considerava como leviandade, tiveram bons casamentos, pois elas exerciam papéis sociais diferenciados no lar e fora dele, ou seja, conseguiam disfarçar muito bem o que faziam às escondidas.

Nesse contexto, aconteciam os flertes, ou mesmo como a autora mencionada acima chama “os namoricos”, que eram expressos através de olhares ousados, gestos sedutores, inclusive diziam as jovens dos anos dourados que um flerte inconsequente não prejudica o rapaz, mas encobre uma sensualidade disfarçada e pode manchar a reputação de uma moça.

O flerte por parte das mulheres era considerado uma prática reprovável nos anos de 1950, pois apontava para uma iniciativa feminina na conquista dos homens, o que era tido como leviano. No lugar do flerte, as mulheres deveriam andar sempre bem vestidas, de bom humor, ser amável e indiferente. Era isso que supostamente atraía os homens.

No entanto, muitas meninas fugiam dessas regras. Flertavam com rapazes, mas faziam questão de deixar claro que eram moças de boa família, não permitindo algumas intimidades físicas. Mas como se sabe, e Bassanezi (2002, p. 615) destaca, “o que contava eram as aparências e as regras”.

No flerte, deveria se ter muito cuidado, já que o namoro era uma preparação para o casamento, por isso, as moças não deveriam arriscar-se ou perder tempo com namoros que não fossem conduzi-las ao casamento.

1.2.1 À flerte da pele e as mulheres sussuaparenses

A adolescência é uma fase em que a mulher irá se descobrir sexualmente, pois é este um momento de mudanças. Beauvoir (1967) aborda que ocorre nesse período transformações no corpo infantil, tornando-se corpo de mulher. Salvo em casos de deficiência glandular, em que o paciente permanece fixado em seu estágio infantil, a crise da puberdade inicia-se por volta dos 12 ou 13 anos, conforme a autora. Tal crise principia muito antes para a menina do que para o menino e provoca mudanças muito mais importantes. A menina enfrenta-a com inquietação, com desprazer.

Beauvoir (1967) aborda que no momento em que se desenvolvem os seios e o sistema piloso, nasce um sentimento que por vezes se transforma em orgulho, mas que é originalmente de vergonha; subitamente a criança enche-se de pudor, recusa-se a mostrar-se nua, mesmo às irmãs ou à mãe, examina-se com um espanto misto de horror e é com angústia que espia a turgidez do caroço duro, um pouco doloroso que surge sob as mamas antes tão inofensivas quanto o umbigo.

Ela inquieta-se por sentir em si um ponto vulnerável: sem dúvida a machucadura é pequena ao lado de uma queimadura ou de uma dor de dentes, mas, acidentes ou doenças, as dores são sempre anomalias, ao passo que o jovem seio é habitado normalmente por não se saber que surdo rancor. Alguma coisa está ocorrendo, que não é doença, que está implicada na própria lei da existência e que, no entanto, é luta, dilaceração. Por certo, do nascimento à puberdade a menina cresceu, mas nunca se sentiu crescer: dia após dia, seu corpo lhe foi apresentado como uma coisa exata, acabada; e eis que agora ela "se forma": a própria palavra a horroriza; os fenômenos vitais só são tranquilizadores quando encontram um equilíbrio e assumem o aspecto imoto de uma flor fresca, de um animal lustroso (BEAUVOIR, 1967). É este o momento propício para que surjam relações amorosas, ou mesmo apenas flertes, pois ela sente-se mulher, que pode "seduzir" e deixar-se ser seduzida.

Acerca disso, é interessante observarmos as relações amorosas nesse período, meados do século XX, em que a sexualidade feminina era muito reprimida, colocado pela própria igreja católica. Del Priore (1995) destaca que da mesma forma como o amor conjugal,

que se inseria numa hierarquia de sentimentos, destacando o amor a Deus e depois o do marido, condenando as más paixões. Qualquer coisa que se ligasse ao sexo era entendida pela igreja como pertencente a satã. Por isso, indagamos de que forma as mesmas conheceram seus parceiros e como era a relação de namoro, ou o flerte, entre os dois:

[...] Nois se conhecemos desde criança e aí quando foi pra casar num teve jeito não! Nunca teve dificuldade não, agora o pai dele foi carga torta, como diz a história pra aceitar o casamento. Nam, num queria não, num queria não, mais Joaquim disse que num acabava e eu também num acabava. [...] O namoro era bem distante, a coisa mais difícil era pegar pelo menos na mão e que o senhor Chico Veloso por não querer o casamento acabou arranjando outra noiva para o seu Joaquim e este não aceitou o arranjo do pai (Josefa Alves Veloso, 2013).

Oh, oh, se eu fosse dizer o romance que foi, foi um romance, minha filha, eu não conhecia ele, ele morava bem aí na Baixa, ele era noivo de uma filha de Nenem Avelino[...] aí soube que ela tava enrascada com um rapaz aí foi ele mandou acabar, acabou, pronto! E eu nam, nem conhecia e nem nada. Aí num tempo um vei que morava bem aqui detrás desta casa aqui, [...] aí nois vinhemmo passar a noite aqui, que era amigo de papai, aí nois vinhemmo pra cá, aí ele veio e namorava, ele tava namorando com uma irmã minha, digo: mais menino uma coisa dessa! Quando foi no outro dia, foram sepultar o véi na Bocaina [...] e aí ele disse assim: oh, amanhã quando eu vier do sepulcro eu vou passar lá em tua casa e eu quero te conhecer! Mais pra quê, eu não me interessei em conhecer ninguém, ainda falei assim. Eu num quero te conhecer. Pois foi a primeira vez que eu vi ele foi aqui e quando ele foi, pois veio mesmo, veio a cavalo, ele tinha um cavalo, passou por lá, e eu só fiz sair, tinha uma janela mesmo assim e ele do lado de fora e eu por o lado de dentro da janela. Só, e ele ficou apaixonadíssimo comigo, mais rapaz! Pois nois se conhecemo nesse dia e aí foi pra frente e aí um namoro, um namoro que era longe demais! Ai deu certo. Só podia pegar na mão, que conversa, só na mão, num podia pegar nem no braço assim, só na mão e dizer Adeus e aí pronto. Mais rapaz! Namorar, nam, só foi depois que casou, também tu sabe quantos dias eu passei noiva, só foi três mês, três mês de noivado aí casemo [...] Casemo, mais foi de acordo, foi uma festa e tanto. De acordo, ele era de gente boa, foi de acordo mesmo, nois casemo, papai era o maior gosto desse casamento (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Ah foi assim, a minha irmã já tinha casado com outro irmão dele, aí a gente era vizinho, era bem vizinho, dali pertinho da casa de mãe, ainda hoje tem a casa lá. Aí fui pra São Paulo, ainda morei lá, aí meus pais tava separado, quando pai separou de mãe eu tinha 22 anos [...] nois namorava mais era escondido, eu tinha um namorado que veio de São Paulo, que era até primo, meu pai botava alguém pra vigiar quando ele chegava aqui, eu lembro de um tempo que eu ia na venda comprar umas coisas e ele tava aqui aí ele botava uma pessoa pra vigiar e se ele soubesse... Um dia eu tava num leilão, na casa de Marli de Zeca Estevão e ele tava esse namorado meu, aí eu fui pro leilão e ele já passou a ordem: oh se eu souber de papo com fulano lá, apanha! [...] aí a gente tava lá e eu sei que o dono da casa andava assim arrastando os pés com uns gulepo (sapatos) igual pai, oh, oh, aí num prestou não, quando eu ouvi pensei que era pai, quase desmaiava com medo, aí depois ele soube ainda, eu sei que nois voltamo esse dia do leilão, voltamo o namoro, mais eu

acho assim, ele era tão covarde, que quando foi no dia de ir embora ele terminou, que ele perguntou se eu num queria ir com ele, e eu ia mais depois ele afrouxou, era até um primo meu daqui, mandou um recado dizendo que ia embora pra São Paulo, quando pai soube, hum minha fia, ainda apanhei por causa dele [...] Ah, mais com meu marido, num foi assim não, logo ele morava lá perto de nois, a gente vizinho, mais meu primeiro namorado foi esse mesmo, esse que eu tinha 15 anos e ele 19, mas esse já foi depois, a gente era amigo, ai fui pra São Paulo, passei quase cinco anos, ai quando eu vim, ai ficamo namorando ai ainda voltei umas duas vez, ai casamos (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

A dona Josefa destaca que era bastante difícil, ou seja, ficava apenas no olhar, o namoro não podia ser próximo, os dois não podiam abraçar-se, beijar-se, para não correr risco de um relacionamento físico. Inclusive, no caso dela, em que o pai da mesma não aceitava o relacionamento, a questão ficava mais difícil ainda. Há um fato peculiar nesse primeiro relato, pois conforme veremos ao longo desse estudo, as jovens dos Anos Dourados podiam “escolher” seus parceiros, escolha esta em partes, já que os pais deveriam aprovar o relacionamento, o que não aconteceu no caso dela, mas, mesmo assim, o casal permaneceu junto e não sucumbiram aos desejos da família de ambos, que era de acabar com o namoro. O posicionamento tomado por ela à época podia ser entendido como subversão e fuga das normas, já que esta foi a senhora que se mostrou mais recatada e obediente aos pais, o que pudemos notar em conversa com a mesma.

O caso da dona Helena é bastante interessante, pois comprova a questão dos flertes entre casais de adolescentes e jovens. A mesma destaca que o rapaz com o qual casou era namorado de sua irmã, mas que em um determinado momento ele decidiu que namoraria com ela, uma subversão para a época. Os dois namoraram á distância, já que conforme ela mesma disse, não podia ao menos pegar na mão. Os pais aceitaram o relacionamento e eles se casaram.

O relato da dona Francisca comprova o que Bassanezi (2002) destacou acerca dos “namoricos” nos Anos dourados, quando muitas mulheres namoravam escondido e fugiam as convenções da época, que só permitiam namoros na porta de casa, sob o olhar de supervisão dos pais.

Mesmo com as repressões que elas sofriam e com o que era imposto pela sociedade, essas adolescentes fugiam das convenções, namoravam escondido, contra a vontade dos pais. Mesmo não tendo oportunidades, já que os pais as vigiavam todo o tempo, elas conseguiam

flertar sem que estes percebessem, inclusive beijando ou tendo contato físico, o que era proibido para a época.

Os locais que essas adolescentes visitavam não passavam de festas familiares ou religiosas, e algumas vezes a igreja católica, que ficava na cidade de Picos, distante de Sussuapara:

A gente nem saía quase, mais pra igreja assim nois ia muito, essa nois ia muito, nois saía de madrugada pra ir assistir a missa lá em Picos, de pé (Josefa Alves Veloso, 2013).

A dona Josefa destaca que para festas eles não saíam muito, no entanto, para a igreja iam quase sempre. Esse aspecto estava bastante presente na vida das moças da época, já que os pais, especificamente a mãe, tinham por obrigação repassar a questão religiosa para suas filhas, e era a Igreja Católica responsável por imprimir à moça questões como ser uma boa esposa e boa mãe, obedecendo aos princípios da igreja e seguindo o exemplo da virgem Maria.

As outras duas senhoras não responderam à pergunta, disseram não terem essa recordação com precisão, mas destacaram que seus pais vez por outra, as levavam para festas de casamentos, o que não quer dizer que as mesmas tinham liberdade, pois ficavam sob o olhar supervisionado e protetor do pai.

2 DE VÉU, GRINALDA E AVENTAL: O SONHO DO MATRIMÔNIO, A CONDIÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO, O RECATO DO LAR E O SER MÃE

2.1 O matrimônio

O casamento poderia ser considerado de duas formas nas primeiras décadas do século XX. A primeira delas era a questão da liberdade que as moças teriam ao se casar, já que seus pais a supervisionavam. Além do mais, a questão financeira muitas vezes pesava para a escolha do matrimônio, tanto para famílias ricas como pobres. As primeiras por questões de heranças, junção do nome de famílias importantes. As segundas por que era mais vantajoso que o marido passasse a sustentar a mulher, pelo fato dos pais não terem condições.

Autores da época, como Shryock (1959) tratavam da questão do matrimônio como algo importantíssimo, só ficando abaixo da relação do homem com Deus. Segundo ele, esse é um momento importante e que a felicidade dependerá dos dois. Segundo ele “a missão do casamento é proporcionar felicidade” (SHRYOCK, 1959, p. 15).

Quanto à moça e o matrimônio, Shryock (1959) destaca que é exigível que ela seja pura até o casamento. E mais, a maneira que uma jovem vive, bem como suas prendas e culturas determinarão o número e a qualidade das propostas que ela recebe para casar-se. Para o autor, as moças devem considerar a opinião dos pais na escolha dos parceiros.

As relações conjugais das mulheres de meados do século XX deveriam ser pautadas no respeito aos maridos. Segundo Castelo Branco (2005, p. 126):

O homem tinha como garantia da sua supremacia na esfera familiar, o amparo legal que colocava como cabeça do casal, e ainda toda a herança de tradições patriarcais que valorizava os papéis masculinos de pai e marido. Outro aspecto relevante dessa supremacia masculina na esfera familiar era o fato de os homens [...] exercerem suas funções nos lugares públicos e neles também participar das questões políticas.

Conforme visto, o casamento servia para notabilizar a supremacia masculina sobre suas esposas. A elas cabia o papel de serem submissas, independente do que seus parceiros as fizessem.

As mulheres depois de contraírem matrimônio deveriam assumir novos comportamentos, demonstrando recato e seriedade. Seria a mulher a responsável pelo bem-estar da família. A fidelidade feminina era esperada pelos seus esposos, pois eles queriam ter a certeza de poder gerar com elas os filhos que dariam continuidade aos seus nomes.

Tal fidelidade não era vista da mesma forma para com os esposos, já que as traições eram recorrentes por parte dos maridos. Mesmo assim, segundo Castelo Branco (2005), as mulheres ainda tinham na mente o romantismo do casamento, o que veio a mudar nos primeiros anos da República quando o discurso do divórcio tomou conta das rodinhas em calçadas e em todos os níveis sociais.

Bassanezi (2002) diz que os homens não concebiam ideia de casar-se com uma mulher leviana. O Código Civil da época estava previsto a anulação do casamento caso o homem percebesse, após o matrimônio, que sua mulher não era mais virgem, e poderia até mesmo fazer com que a mulher sofresse punições por “induzimento ao erro”.

A virgindade era essencial para que houvesse um matrimônio, mas havia as mulheres que mantinham a sua condição de não virgem em segredo, para manterem o respeito social e conseguirem casar.

Bassanezi (2002) aborda que a escolha matrimonial não cabia aos pais, e sim ao casal, no entanto, a família tinha muita influência sob essa escolha, ou seja, era um cuidado que os pais deveriam ter com o futuro de suas filhas. A aprovação dos pais ainda era necessária.

Por isso, tornou-se comum dizer que o casamento só deveria acontecer se houvesse amor, que deveria ser com juízo e razão, ao contrário da paixão que era uma loucura passageira. Os jornais da época faziam questão de destacar inúmeras histórias de casamentos acabados por conta das paixões infames.

A média de idade das mulheres que contraíam matrimônio nos anos dourados era de 23 anos de idade. Esta que era uma idade razoável, já que, a partir dos 25 anos, essas moças já eram vistas como “solteironas”.

O casamento-modelo trazia os deveres e direitos para homens e mulheres. Tarefas domésticas eram consideradas exclusivamente femininas. Aos homens, dentro de casa,

ficavam apenas pequenos reparos, serviços masculinos, que a mulher não poderia executar “por não ter tanta força” como o homem. Segundo mostra Bassanezi (2002), as mulheres não poderiam exigir de seus maridos que fizessem algum tipo de serviço doméstico no seu lar.

A sociedade conjugal impunha uma hierarquia, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, ou seja, a última palavra.

A esposa dos anos dourados era valorizada por sua suposta capacidade de indicar com a luz do seu olhar, o caminho do amor e da felicidade, para todos aqueles que a rodeavam. Era a rainha do lar. A mulher casada deveria ter o marido e os filhos como centro dos cuidados e atenção. Era ainda importante que a esposa cuidasse da sua aparência: “embelezar-se para o marido” (BASSANEZI, 2002, p. 628). Outros cuidados eram expostos em jornais da época:

Não telefone para o escritório dele para discutir frivolidades; Não se precipite para abraçá-lo no momento em que ele começa a ler o jornal; Não roube do marido certos prazeres, mesmo que esses a contrariem, como fumar charuto ou deixar a luz do quarto acesa para ler antes de dormir (jornal das moças *apud* BASSANEZI, 2002, p. 628).

A boa esposa ainda deveria ser econômica, capaz de adivinhar os pensamentos do marido, não discutir com o mesmo por questões bobas, agradá-lo, recebê-lo com atenção sempre que chegasse em casa, não envergonhá-lo na frente de amigos ou convidados e calar-se nas horas certas, características que tornam evidentes a supremacia masculina em relação a mulher.

Neste item, tratamos acerca do casamento para as mulheres de meados do século XX. Decidimos agrupar este item no mesmo capítulo do desejo profissional por que estes foram dois aspectos dos mais importantes para as mulheres desse período, principalmente as do Piauí, inclusive sendo esta uma das decisões impostas às mulheres da época: ou casava-se ou iam para o mercado de trabalho, principalmente no magistério.

2.1.1 As mulheres sussuaparenses contraem matrimônio

As mulheres casadas dos anos dourados deveriam se preocupar com a beleza, cuidando-se para o seu marido, sempre se vestindo com decência e elegância. Por isso, perguntamos às senhoras se elas tinham a preocupação com a beleza:

Não, não, que o povo dizia que eu era bonita, porque tem muié que é bonita aí é que se arripia mais e eu não, toda vida fui simples. Naquele tempo tudo era difícil, tudo, tudo, tudo. *(aqui ela quis colocar que existiam outras preocupações mais sérias que iam além da beleza devido as dificuldades)*. A começar que só os outro era quem ganhava, eu tinha meu ganhim, mas com Joaquim não trabaiaar, quando eu ganhava meu dinheirinho era pra dividir com as coisa de casa, mais eu tinha o cuidado assim de ter minhas coisinha guardada pra quando chegasse uma pessoa, ter umas coisinha, assim, ter uma toalha, ter um sabonete, perfume, uma rede guardada pra quando chegasse uma pessoa, nisso eu tinha cuidado, um vestido mais alinhado (Joseva Alves Veloso, 2013).

Ah, eu me arrumava tudo, mais não pra beleza pros outro, eu me arrumava pra ele, tinha a preocupação de tá cheirosa, tudo pra ele, se eu saísse também e num desse tempo me arrumar direito, nam,num tinha, já saia mais ele, mais eu tinha essa preocupação, mais quando ele chegava de eu tá arrumada (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Era sempre quando eu era mais nova tinha aquele cuidado de tá limpinha. Ah, eu era mais vaidosa quando era mais nova, eu gostava de sempre tá limpinha, ah se eu pudesse usar muita coisa assim, quando a gente casou ai tinha uma vida melhorzinha, porque ele tinha o emprego dele, andava melhor, não é, porque ele ganhava bem, naquele tempo(Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

A primeira informante diz que não tinha tanta preocupação com a beleza, por que era bonita e não precisava se arrumar. Enquanto as outras duas dizem que tinham uma grande preocupação em estarem sempre bem vestidas e cheirosas para seus maridos. Essa era uma visão bastante difundida na época, de que as mulheres deveriam sempre andar bem vestidas e higiênicas.

A dona Helena destaca que sempre procurava estar arrumada e cheirosa não para que as outras pessoas vissem, mas para seu marido, que quando chegasse em casa tivesse prazer em encontrá-la daquela forma.

A dona Francisca destaca que também gostava de andar bem vestida e com a higiene feita, principalmente após o casamento, pelo fato do seu marido ter um emprego melhor e poder proporcionar um melhor conforto para a mesma.

Conforme vimos, as mulheres já eram preparadas para serem submissas a seu marido. Desde pequenas acostumavam-se com os serviços domésticos, a fim de serem excelentes esposas. Essa questão gerou uma pergunta para a entrevista, se o esposo das mesmas sempre foi o “chefe da casa”:

Foi, mais é como diz, era o pai muié e a mãe homem, porque sempre o dito mais é o meu, porque toda vida até pra eles andar, eles vinham pedir era a eu, ai eles dizia: mãe nois pode ir, porque eu so mandava eles pra onde podia ser, porque naquele tempo era assim mesmo, era poucos que tinha liberdade ai pra tudo, mais eles não, ai se eu dissesse assim: não meus fi, hoje num dar certo não, nem tinha dinheiro pra dar pra eles comprar uma coisinha ai num dava certo não e eles se conformava. Nunca foram assim desobediente não. (Josefa Alves Veloso, 2013).

Era o chefe da casa, o chefe da casa, ah ele era quem administrava tudo, tudo, tudo! Aí num tinha nem um aposentado, nem eu e nem ele, foi só trabalhar na vida até quando nois chegamo o ponto de que ele se aposentou, depois foi que eu me aposentei, foi uma luta, mais foi uma vida boa. Nois vivemo 58 anos de casado, nunca separemo, nunca briguemo pra dizer, hoje você brigou, você tá com raiva de você ou você passou o dia com raiva. Se nois trocasse uma palavrinha que todo mundo que mora junto num tem jeito pra num trocar uma palavrinha, podia trocar, mais logo, logo fazia as paz (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Quando ele tava vivo, tudo era ele, tudo ele era encarregado de uma fábrica ali, cuidava das coisas dos menino, de documento, tudo era ele, tanto que quando ele morreu, ficou difícil pra mim as coisa sabe, resolvia tudo, ele ia pra escritório, resolvia tudo, eu só fazia feira assim pros meninos, mas esses negócio assim fora tudo era ele, ai ficou difícil, ai foi só oito anos e cinco meses de casamento (Francisca Madalena de Sousa Carvalho).

A dona Josefa afirma que sim, que o esposo sempre foi considerado o mais importante na hierarquia do lar. Mas destaca que ela também tinha muita participação, principalmente quando se tratava de algum pedido por parte dos filhos, que vinham sempre consultá-la. {Josefa disse que possuía uma renda que provinha dos serviços prestados enquanto enfermeira e parteira}.

A dona Helena diz que o marido era o administrador de tudo dentro do lar, ele quem trabalhava para manter a casa, pois havia muita dificuldade na época, por conta da seca. A entrevistada ressalta que nunca chegaram a brigar enquanto seu marido estava vivo e que os 58 anos de casados foram muito bom, pois os dois tinham uma excelente convivência. Isso pode ser explicado pelo fato da mulher colocar-se em posição de submissão ao marido, não podendo se opor em nenhuma discussão, pois o que se propagava era que o homem tinha sempre razão e que a mulher deveria se calar diante dele.

Francisca Madalena coloca que o seu marido sempre administrou todos os problemas na casa, inclusive quando este veio a falecer ela teve muita dificuldade para administrar o lar e os filhos. Sabemos que esse era um relato comum nos anos dourados, já que as mulheres, por não participarem da administração do lar, passavam por dificuldades quando ficavam viúvas.

2.2 E as letras? O desejo profissional

Quando falamos de aspectos profissionais ligados à feminilidade, logo pensamos no espaço doméstico. E este foi a visão de grande parte da sociedade até pouco tempo atrás. Concordando com nosso posicionamento, Castelo Branco (2005) diz que até o final do século XIX o trabalho da mulher era de caráter essencialmente ligado ao lar, ou seja, cabia a ela a fabricação dos mais variados usos de sua família. O autor cita como exemplo a feitura de roupas, sabão, velas, doces e etc.

Também cabia à mulher até o final do século XIX, conforme Castelo Branco (2005), gerenciar a sua casa, fazer a educação de todos os seus filhos, além de cuidar das pessoas que viessem a adoecer na família.

No entanto, com a ascensão da indústria a partir do início do século XX, novos serviços passaram a ser oferecidos para as mulheres, não só no espaço industrial, mas também no setor de serviços. Castelo Branco (2005, p. 98) trata desse aspecto, destacando que:

Para as mulheres pobres, os novos espaços estavam principalmente nas fábricas, em ramos anteriormente absorvidos pelo trabalho doméstico, como a fabricação de cigarros, de tecidos, de chapéus, de chocolate e de redes. No caso das mulheres dos estratos médios, que precisavam ganhar a vida com seu labor, o magistério e a enfermagem surgiam como boas opções de trabalho remunerado.

Conforme visto, diversas poderiam ser as funções desempenhadas pelas mulheres, no entanto, já havia uma diferença gritante entre as de classes pobres e as de classe média, já que às primeiras cabiam as funções tidas como baixas, enquanto às segundas ficavam os empregos mais notáveis perante a sociedade, como os dois citados pelo autor.

No Piauí, segundo Castelo Branco (2005), os modelos “profissionais” continuavam a ser o de mãe e esposa, no entanto, muitas mulheres que necessitavam de renda, passaram a exercer algum tipo de função remunerada. Essas funções eram determinadas pelo grau de instrução de cada uma.

O que Castelo Branco (2005) destaca de relevante quanto às mulheres piauienses e sua inserção no mercado de trabalho do início do século XX é que estas passaram a assumir empregos como os de professoras primárias, jornalistas, funcionárias públicas. Interessante destacarmos que o autor trata mais especificamente da mulher da capital Teresina, ou seja,

quando o contexto se estendia ao interior, esse quadro da inserção da mulher no mercado de trabalho era muito pouco, ou até mesmo inexistente.

Tratando acerca dos empregos assumidos pelas mulheres de elite, o primeiro deles era o de professora, ou seja, essas mulheres da década de 1960 passaram a dar aulas em escolas particulares ou mesmo em casa, para diversas moças. É claro que, como aborda Castelo Branco (2005), a autorização para tal ofício deveria partir do pai. Apesar da aparente “liberdade” feminina, acreditamos que ainda havia a forte presença masculina como uma forma de inibir ou mesmo diminuir o trabalho dessas mulheres. No interior do Piauí, o autor diz que muitas mulheres já assumiam cargos do magistério. Essas professoras eram oriundas da Escola Normal, no entanto, as mesmas não tinham uma formação tão apurada, cita Castelo Branco (2005).

Acreditamos que essa função no magistério ligava-se à ideia de que à mulher cabia a educação dos filhos e, portanto, esta teria mais cuidado e atuaria com mais facilidade na missão de educar diversas crianças. “O magistério era visto como um sacerdócio para as mulheres, que teriam maiores dons para educar as crianças” (CASTELO BRANCO, 2005, p.103).

Um fato bastante interessante na década de 1920 e 1930, no Piauí, é que chegou a cogitar-se a demissão de mulheres professoras que contraíssem matrimônio. Matias Olímpio foi um dos defensores dessa ideia e chegou a enviar para o Governador João Luis Ferreira uma proposta de reformulação do ingresso na carreira do magistério. Para ele, só podia assumir o cargo quem fosse viúva ou solteira (CASTELO BRANCO, 2005).

Enfim, estudando sobre o papel da mulher piauiense no século XIX, percebemos que houve uma proposta de lei que proibia mulheres casadas de serem professoras, ou seja, só assumia o magistério as que fossem viúvas ou solteiras (CASTELO BRANCO, 2005). Pregava-se o “celibato” das professoras piauienses, inclusive sendo este um dos discursos mais recorrente em formaturas da Escola Normal.

Ao que parece, havia uma opção a ser feita pelas mulheres piauienses: ou casa-se e vivia para o marido, filhos e para o lar; ou assumia-se uma função no mercado de trabalho, abrindo mão de um matrimônio. Esta, para nós, é uma visão ampla do machismo que rondava o contexto social e histórico dessas mulheres no século XIX. É como se houvesse um

pensamento “machista” de que a mulher não podia assumir dois papéis, tendo que abrir mão de um, não dando chances a essa de encontrar-se profissionalmente e emocionalmente. Dizemos isso por que esta proposta partiu de um homem, principal sujeito que redigia e aprovava as leis da época.

A música também foi uma das saídas profissionais para várias mulheres de meados do século XX, pois muitas faziam apresentações culturais para complementar sua renda, já que, para a maioria, este era um recurso mais honroso que bordar e costurar. Também o ingresso na música era uma opção aceitável para as mulheres piauienses por que “era uma atividade que gozava de boa reputação” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 107).

O jornalismo foi outra saída para as mulheres piauienses em meados do século XX. Castelo Branco (2005) destaca que para muitas delas, era mais importante dar visibilidade e abrir espaços para as mulheres na imprensa que ter alguma remuneração. Nesse período, os jornais piauienses apresentavam diversos artigos escritos por mulheres, com temas como: solteironas, emancipação familiar, educação da mulher, voto feminino, moda, dentre outros temas.

O comércio também foi uma opção para muitas mulheres, embora em menor escala, pois algumas assumiam os negócios dos maridos, falecidos ou inválidos e acabavam por se tornar grandes comerciantes. Ao lado dessa profissão, estavam as donas de pensionatos para moças que estudavam na Escola Normal, e segundo Castelo Branco (2005) ainda podemos destacar as enfermeiras e datilógrafas.

Até aqui falamos das profissões assumidas por mulheres da classe média. No entanto, a maior parcela era de mulheres pobres, que encontravam nas indústrias uma saída para o complemento do salário dos maridos. Castelo Branco (2005, p. 112):

O trabalho na fiação começava às 5 da manhã, o apito da fábrica acordava a cidade e chamava as operárias para o trabalho. Logo depois, as máquinas começavam a funcionar. As operárias da fiação eram mulheres pobres que buscavam no trabalho os ganhos necessários para a sua sobrevivência. Essas mulheres tinham na cidade o nome de pipiras.

Conforme visto, o trabalho das mulheres piauienses pobres de meados do século XX era bastante pesado, com uma carga horária excessiva, começando ainda de madrugada. Inclusive, existem relatos de mulheres que começaram a trabalhar com sete anos de idade na tecelagem. Vilarinho (2005) conta o caso de Maria Francisca dos Santos, que ficou órfã aos

seis anos de idade e veio do interior morar com sua madrinha na capital Teresina. Empregou-se aos sete anos na fiação de uma fábrica.

Outra forma de trabalho para mulheres pobres era a “criadagem”, termo usado para pessoas que trabalhavam em casas de famílias tradicionais da capital ou do interior. Segundo Castelo Branco (2005), elas eram contratadas por serem honestas e de boa conduta. Inclusive, o governo do estado havia baixado um regulamento da profissão, afirmando que essas não poderiam ter condutas reprováveis ou algum tipo de doença infectocontagiosa, para não colocar em risco a saúde dos demais membros da família. Além disso, caso elas inventassem alguma calúnia, fossem desonestas contra alguém da família, seriam imediatamente demitidas.

As mulheres mais pobres da sociedade piauiense da década de 1930 a 1950 atuavam também como lavadeiras de roupas, carregadeiras de água, comércio ambulante nas cidades, vendedoras de frutas e temperos, e também eram vendedoras de jornais.

Enfim, diversas foram as funções exercidas por mulheres, claro que todas sempre sendo colocadas em posição inferior as dos homens, o que tem mudado nos tempos modernos, em que a mulher tem assumido os mais diversos cargos e funções.

2.2.1 as mulheres sussuaparenses e o mercado de trabalho

Como foi abordado por Castelo Branco (2005), às mulheres pobres da época cabiam diversos serviços tidos como inferiores para a sociedade, dentre eles, bordar, costurar e tecer fios, o que é destacado na fala da entrevistada. Como ela destaca, não tinha um serviço específico, mas realizavam tudo para ajudar nos serviços domésticos. Ainda na fala delas, e confirmando Castelo Branco (2005), pudemos destacar algumas profissões que elas exerceram quando já eram adultas:

Fui parteira, enfermeira, nesse tempo eu era enfermeira já, foi oito anos que nois fazia todos os anos uma semana de curso lá no hospital. Todos os anos tinha uma semana de curso. Vinham me buscar pra ir fazer o parto, eu morava nas Salinas naquele tempo, eu peguei um bucado de menino, em todo canto, do Escondido (município de Sussuapara), pra cá, por lá”. Os nossos chefes era da Ancar, os médicos que ensinava nois, era os doutor da Ancar, tinha dona Cecília, Socorro, era tudo de fora e Dona Joana, Dona Joana, essa que era a boa, Dona Joana da Ancar, ela vinha até pra aqui pra casa de Maria de Manezim passar uns curso pra o povo (Josefa Alves Veloso, 2013).

Só na máquina, mais era minha mesma, em casa, costurava pra fora, quando tinha, quando aparecia uma costura de fora, eu fazia (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Só de roça mesmo e costura porque quando eu fiz quinze anos eu fiz um curso de corte e costura, tipo assim, porque veio um pessoal de fora, naquela época era o pessoal da Ancar que chamava, ai pegou uma turma da minha idade ai desde aí. Ah, também já trabalhei aos 19 anos numa sorveteria de garçõete (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

As mulheres exerciam diversas profissões, no entanto, seu espaço profissional era limitado, pois não podiam assumir as mesmas funções que os homens. As três entrevistadas exerciam ofícios como a costura, a enfermagem e os trabalhos na roça.

2.3 O recato do lar: mulher e família

Por muitos anos a mulher ficou reclusa ao espaço doméstico, não sendo permitido a ela sequer participar do mercado de trabalho, o que foi mudando acentuadamente a partir da década de 1950.

Conforme Gondinho (2004), a participação da mulher no espaço público é um dos aspectos que mais marcou os meados do século XX, principalmente no que concerne a sua saída do lar para o mercado de trabalho e para as salas de aula alcançando, por vezes no período, uma escolarização superior a dos homens.

Por outro lado, Castelo Branco (2005) diz que a sociedade ocidental trouxe como herança para o século XX a valorização da família, da mulher recatada ao lar,

no final do século XIX e início do século XX, ao lado desse discurso que determinava o espaço privado e o cuidado com a casa e com os filhos como missão feminina, começa a ganhar corpo outra proposta, que buscava emancipar a mulher. O objetivo era possibilitar às mulheres os mesmos direitos antes reservados aos homens (CASTELO BRANCO, 2005, p. 126).

Como visto, a vida feminina era restrita ao lar no início e até meados do século XX. Nele as mulheres exerciam seus papéis sociais.

No espaço doméstico, Castelo Branco (2005) traz uma visão que acreditamos ser muito mascaradora da realidade da época, pois o autor diz que nesse período o casamento era por escolha e amor, e que o lar era espaço privilegiado, onde a mulher reinava soberana, fazendo deste um lugar elegante, festivo, digno, nas palavras do autor.

2.3.1 A mulher sussuaparense e a reclusão do lar

Como vimos nos teóricos usados para essa pesquisa, a mulher sempre foi limitada ao espaço privado, enquanto ao homem ficava o espaço público. Em outras palavras, a mulher devia apenas cuidar do seu lar, ou no máximo desempenhar algumas funções. Por isso, indagamos se elas confirmavam a ideia de que lugar de mulher é em casa cuidando do lar, do marido e dos filhos?

Confirmando, cuidando dos filhos, dos netos, e sair mais pra suas obrigações, então eu confirmo, mas o principal dever da mulher é em casa (Josefa Alves Veloso, 2013).

Conforme o marido com a muié, do jeito que eles forem, assim, se o marido gostar que ela viva mais também só em casa, ela fica em casa mais não pra ficar como escrava, ficar cuidando da casa como mulher de..., mas não como escrava, eu acredito assim que eu trabaiei em casa, eu trabaiei na roça, ia mais ele pra todo lado, ave maria, ele gostava, mais ele só saía se fosse comigo, de acordo, nois tudo era de acordo, se ele fizesse uma compra, ele só fazia comigo, por isso é que eu digo, que a muié com o marido, eles deve ser de acordo, pra poder dar certo, se não, se num for de acordo, num dar certo não! (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Aí pegou, eu acho que é trabalhando também, só porque a mulher acaba trabalhando duas vezes mais, eh porque não deixa dela ter que cuidar de casa também, mas hoje ninguém quer viver só cuidando de casa mais. Mais eu acho que a mulher pode cuidar de casa e trabalhar, só porque trabalha duas vezes mais, num tem quem queira só cuidar de casa, quer ter um emprego, não é? (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

Como vimos na fala das três, há uma aproximação das respostas das duas primeiras entrevistadas, que concordam que sim, que a mulher deve ficar em casa cuidando do esposo e dos filhos. A primeira ainda foi mais enfática, apontando para o que vimos nos teóricos acerca da submissão da mulher.

A terceira entrevistada disse que a mulher pode tanto trabalhar como cuidar do lar, e que esta não deve ficar restrita apenas ao ambiente doméstico. Del Priore (1995), acerca disso, diz que o modelo de “santa mãe” tinha como objetivo cuidar dos filhos e da casa, não se ausentando de seu lar sem necessidade, a menos que seu marido desse permissão, cujo amor deveria ser superior a todos, depois de Deus, nas palavras da autora.

Enfim, o espaço do lar representava para a mulher um único local em que tinha “liberdade”, desde que não afetasse seu esposo em nada e que educasse os filhos de maneira louvável, como era esperado para uma boa esposa.

2.4 A fêmea dá a luz: ser mulher e ser mãe

De acordo com Silva (2001), ao descobrir-se como mãe, a mulher passa a desempenhar dois papéis conflitantes que é ser mulher e ao mesmo tempo ser mãe. É interessante observar que tal fator promove o desenvolvimento social, cognitivo e emocional, de forma que a mulher se torne preparada para a vida adulta.

Não obstante, ser mãe quer dizer que, a partir daquele momento, existem responsabilidades para serem assumidas, como a restrição da liberdade, retraimento ou maior fechamento no grupo familiar, mantendo o vínculo de dependência com o pai e com a mãe (NUNES, 2001).

Qualquer evento percebido como estressor, inclusive a maternidade muito jovem, como acontecia na sociedade de 1950, pode predispor os resultados negativos ou indesejados (SOUZA, 2002). Assim, a menina mãe pode tentar contornar, tecendo estratégias e seus objetivos como forma de alcançá-los. Acerca disso, Paula (2007, p. 67) afirma que:

a continuidade e a estabilidade dos mecanismos de proteção garantem o sucesso e a saúde na execução deste planejamento, uma vez que [...] a vulnerabilidade não é fenômeno permanente no tempo e em todas as dimensões do desenvolvimento psicológico. Alguns estudos têm salientado que mais pais adolescentes demonstram o desejo de auxiliar financeiramente e participar cuidado da criança.

A interação de boa qualidade entre mãe e o filho pode tornar o processo da maternidade mais afetuoso e menos conflituoso. De acordo com Silva (2001), o nível de interação está ligado às características pessoais da mãe, recebendo ainda fortes influências por características do bebê e do ambiente.

Assim como nossa pesquisa com as mulheres sussuaparenses, é importante esclarecer acerca da maternidade na década de 1950 que a primeira geração é composta de mulheres nascidas antes de 1930, e que iniciaram a sua vida reprodutiva mais tarde, entre as décadas de 1940 e 1950, ou seja, engravidaram, deram à luz e criaram os filhos no momento em que se formulavam as políticas públicas para a maternidade e a infância no país. São mulheres que

hoje estão com idades superiores a 75 anos e que, na sua maioria, tiveram os filhos em casa atendidas por parteiras, não frequentavam consultórios médicos para fazer exame pré-natal, dificilmente levavam os filhos ao pediatra e não tinham disponíveis métodos contraceptivos seguros.

A segunda geração é composta pelas filhas da primeira geração, ou seja, mulheres que nasceram entre as décadas de 1940 e 1950 e que entraram na fase reprodutiva entre as décadas de 1960 e 1970. Estas mulheres, diferentemente das suas mães, deram à luz nas maternidades, fizeram exame pré-natal, levaram os filhos aos pediatras, contaram com uma maior disponibilidade e variedade de produtos das indústrias farmacêutica, de higiene e de alimentos, além do fato importante de que entre elas estão as primeiras mulheres a integrar um movimento contínuo e crescente em busca de formação universitária e de profissionalização, bem como viveram experiências novas como o divórcio e o uso da pílula anticoncepcional.

Bassanezi (2002) destaca que na década de 1950 os casais praticavam com frequência o controle de natalidade através de métodos naturais, do coito interrompido e principalmente do sistema *ogino-knauss*, também chamado de tabelinha. As revistas femininas da época não mencionavam nada acerca desse tema.

Ter filhos fazia parte dos casamentos da época e para a mulher era considerada uma alegria, além de uma obrigação social, já que dependia delas a continuidade de sua geração. No entanto, a maternidade só estaria isenta de reprovação se fosse concebida dentro do casamento. Os filhos ilegítimos e fora do casamento ou de pais separados eram estigmatizados pela sociedade da época.

No entanto, caso houvesse problemas, os casais da década de 1950 poderiam recorrer ao desquite, o que não permitia novos casamentos e não dissolvia os laços conjugais. Mulheres desquitadas eram vistas com maus olhos pela sociedade.

Enfim, muitos temas puderam ser debatidos na década de 1950, dentre eles o divórcio, mas presava-se pela “segunda chance”, já que a família era uma instituição sagrada e que não poderia ser dissolvida. Às mulheres que recorriam a tal meio eram vistas com maus olhos pela sociedade, sendo excluída de muitos meios. Acreditamos que isso se dava de forma

mais marcante em cidades pequenas ou interioranas, em que a sociedade patriarcal era mais presente.

2.4.1 As mães sussuaparenses

A primeira entrevistada, Josefa Alves Veloso, possui 12 filhos. A segunda, Helena de Sousa Nunes, teve 10 filhos. A terceira teve apenas dois filhos. Por esses dados citados pelas entrevistadas, percebe-se o quanto a maternidade era importante para a época, principalmente as duas primeiras, confirmando o que vimos anteriormente no referencial teórico utilizado. A terceira entrevistada já possui um número bastante reduzido de filhos, o que pode ser explicado por que a partir da década de 1950 houve uma maior ascensão da mulher no mercado de trabalho, retirando esta do ambiente doméstico, o que contribuiu para diminuir as taxas de natalidade.

A igreja Católica sabia que a mãe representava o elo de transmissão de normas e valores ancestrais, como também de que o isolamento da faina doméstica permitia a gestação de elementos, introduzindo o legado da “boa mãe”, o que ajudaria a perpetuar o valor do matrimônio (DEL PRIORE, 1995).

As mães passavam seus conhecimentos para suas filhas, inclusive preparando-as para o matrimônio e para serem donas de casa. As entrevistadas foram indagadas acerca disso, se faziam esse procedimento com suas filhas:

Tive, desde criancinha ensinei a ser responsável pelas coisa (Josefa Alves Veloso, 2013).

Nam, porque num deu tempo, foi tudo ligeira também pra casar. Mais em casa, nam, elas faziam tudo em casa, fazia tudo também, eu ensinava, eu saía e deixava elas, a mais veinha, tomava de conta das outra, cuidar da casa, limpar a casa, tanto que todas elas são dona-de-casa, são dona-de-casa, de responsabilidade mesmo! Uma casou com quinze anos e teve seis filho, mais também a menina foi responsável, hoje ela é viúva, o marido morreu (Helena de Sousa Nunes, 2013).

Muié, os filho de hoje a gente num sabe como é que vai ser, a gente fala mas num escuta, mas eu falava, pra sempre tomar cuidado, por outras parte nunca me deram trabalho assim de andar com violência, nem com briga, nam [...] ensinava os afazeres de casa, mas minha filha começou trabaiar muito cedo, com 15 anos ela começou a trabaiar, já trabaiando fora, mas final de semana ela sempre me ajudava (Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 2013).

Josefa disse que sempre preocupou em preparar as filhas para serem responsáveis. Já Helena disse que não teve tempo para preparar as filhas para o casamento, já que elas casaram novas demais, com 15 anos, mas que elas eram responsáveis pelos afazeres domésticos. Francisca também disse repassar algumas informações para os filhos, como não brigarem ou serem violentos.

O mais interessante na fala das três senhoras entrevistadas, é que ao fazer a pergunta todas atrelaram os ensinamentos para o casamento aos afazeres do lar, pensamento este defendido durante todas as primeiras décadas do século XX, de que a mulher deveria ficar reclusa no espaço do lar, cuidando da casa, dos filhos e sendo uma excelente esposa. No entanto, algumas dessas mulheres chegavam a trabalhar fora de casa para ajudar nas despesas, como a entrevistada Josefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1950 foi um período de efervescência cultural, histórica e social para a sociedade brasileira. Conforme vimos, esse foi um momento histórico propício para que as mulheres começassem a assumir papéis de destaque na sociedade. Uma conquista do período foi o fato delas não precisarem mais casar com maridos “arranjados” por seus pais, tendo a livre escolha de seus parceiros. É claro que essa “liberdade” ainda era de certa forma, vigiada e influenciada por seus pais.

Como vimos nos relatos das entrevistadas, uma delas não teve o namorado aceito pelo seu pai, no entanto, a mesma não hesitou e contraiu matrimônio. Ou seja, mesmo elas tendo essa liberdade, a opinião dos pais ainda pesava muito na escolha do parceiro.

A infância das mulheres entrevistadas, segundo disseram, não foi um momento tão fácil, pois tiveram que trabalhar na roça para ajudar a família. Mesmo assim, as poucas horas que sobravam elas dedicavam às brincadeiras de roda, corridas, bonecas de pano. Elas destacaram que, quando adolescentes e moças, não podiam ir para nenhum local se não fossem acompanhadas dos pais ou algum parente. As saídas se resumiam às missas realizadas na Igreja Matriz da cidade de Picos Piauí.

Conforme visto, essas mulheres entrevistadas foram criadas de forma tradicional por seus pais. Quanto ao namoro, as mesmas destacaram que eram vigiadas pelo pai ou outros parentes e que a relação sexual e o beijo só eram permitidos após o casamento. Claro que havia as subversões e quebras dessas regras, no entanto, as entrevistadas não quiseram entrar em detalhes quando indagadas sobre o sexo antes do casamento.

Nas entrevistas percebemos o quanto as mulheres sussuaparenses se inserem nesse período dos Anos Dourados, possuindo muitas das características citadas ao longo do trabalho, como o recato do lar, a obediência a seus maridos, o cuidado e educação com os filhos. Nos relatos, ouvimo-las dizerem que procuravam sempre cuidar bem dos filhos, principalmente a educação das meninas, que desde cedo eram inseridas no espaço doméstico por suas mães, que as ensinava como cozinhar, até a fiação, corte e costura, serviços do campo e etc.

As mulheres sussuaparenses entrevistadas procuravam sempre agradar seus maridos, cuidando da beleza e nos serviços domésticos. Segundo elas disseram, eles eram o chefe da

família, mas elas buscavam auxiliá-los no que podiam, inclusive uma das entrevistadas, a dona Josefa, trabalhou fora de casa, como enfermeira e parteira, para complementar a renda da família.

Acreditamos que a pesquisa cumpriu o objetivo de conhecer um pouco da realidade do período, fazendo um recorte histórico da vida das mulheres que tiveram sua infância da década de 1930 até 1950. Através dos relatos das mesmas pudemos ter uma noção de como as mulheres sussuaparenses viveram esse período, de como foram seus casamentos, namoros, infância, maternidade e etc.

A pesquisa enriqueceu nossos conhecimentos enquanto pesquisadoras, pois com a busca do referencial teórico, tivemos acesso a aspectos do contexto histórico das mulheres que viveram esse período, o que veio a ser enriquecido ainda mais com as entrevistas das três mulheres sussuaparenses.

Nossa pesquisa não esgotou todas as fontes acerca da história das mulheres que viveram os Anos Dourados, mas trouxe um material selecionado de autores que escreveram sobre o tema, e de maneira sucinta o descrevemos. Esperamos que este trabalho monográfico sirva como base teórica para outros estudantes ou pesquisadores que queiram desenvolver pesquisas nessa área, ou simplesmente conhecer as características desse período.

REFERÊNCIAS

- ALTTIMAN, Cristina Navarro; COSTA, Simone de Goés. **Revolução Feminina: as conquistas da mulher no séc XX.**São Paulo, 2009.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida.** São Paulo:Difusão Européia do livro, 1967.
- BOCARDI, Maria Ines Brandão. **Gravidez na adolescência: o parto enquanto espaço do medo.** São Paulo: UNIMAR, 2003.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina(1920-1960).** Tese apresentada á Universidade Federal Fluminense. 2010.
- CASTELO BRANCO, PedroVilarinho. **Mulheres Plurais.** Teresina: Edições Bagaço, 2005.
- _____. **História e masculinidade: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX.** Teresina: EDUFPI, 2008.
- CORREA, Áurea Christina de Paula. **Paternidade na Adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram.** 2005. Dissertação (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, n. 6, p. 9-25, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.
- GONDINHO, Tatatu. Democracia e política no cotidiano das mulheres brasileiras. In: VENTURY. Et al. **A mulher brasileira nos espaços Públicos e Privados.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DPeA editora, 2005.
- MEDRADO, B & LYRA, J. **Adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional de gênero.** Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Vol. I, 1999, p.230-248.

NUNES, Carlos Eduardo G. Adolescência e paternidade: um duelo de papéis sociais. In: **Psico**, 29 (1), 125-138.2001.

PAULA, E. R., **A paternidade na adolescência e seus significados entre os jovens universitários que a vivenciaram**. 2007, 83 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Franca, São Paulo, 2007. Disponível em:
<http://www.promocaodesaude.unifran.br/dissertacoes/2008/elaineRibeiroDePaula.pdf>

SHRYOCK, Haroldo. **A felicidade conjugal**. São Paulo: Casa editora brasileira, 1959.

SILVA, J. L. P. A gravidez na adolescência: uma visão multidisciplinar. In: SAITO, M.I.SILVA, L.E.V. (org). **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2001.p. 299-306.

SOUZA, F Ivana. Gravidez na adolescência: uma questão social. **Revista Latino americana de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 1, nov. 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes Orais

Josefa Alves Veloso, 80 anos, nascida em 23/02/1933, natural de Picos/PI, residente em Sussuapara/PI, casada com Joaquim Francisco Veloso, possui 12 filhos, entrevista concedida em sua residência a Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros, em 07 de julho de 2013.

Helena de Sousa Nunes, 82 anos, nascida em 16/05/1931, natural de Sussuapara/PI, residente na mesma cidade de origem, viúva de Elói de Moura Fé, teve 10 filhos, atualmente possui 04 filhos vivos, entrevista concedida em sua residência a Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros, em 07 de julho de 2013.

Francisca Madalena de Sousa Carvalho, 60 anos, nascida em 09/01/1953, natural de Sussuapara/PI, residente na mesma cidade de origem, viúva de Antônio Rodrigues de Carvalho, possui 02 filhos, entrevista concedida em sua residência a Tâmara Cristina Silva de Araújo Barros, em 07 de julho de 2013.

APÉNDICES

ENTREVISTA COM AS MULHERES SUSSUAPARENSES

- 1 LOCAL:**
- 2 DATA:**
- 3 NOME:**
- 4 FILIAÇÃO:**
- 5 DATA DE NASCIMENTO:**
- 6 NATURALIDADE:**
- 7 ESTADO CIVIL:**
- 8 NOME DO ESPOSO:**
- 9 DATA DO CASAMENTO:**
- 10 COMO FOI A INFÂNCIA DA SENHORA?**
- 11 ERA UMA INFÂNCIA DIFÍCIL?**
- 12 E COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**
- 13 A SENHORA AJUDAVA NOS AFAZERES DE CASA?**
- 14 COMO FOI QUE A SENHORA E O SEU MARIDO SE CONHECERAM?**
- 15 COMO ERA SEU COMPORTAMENTO DEPOIS DO CASAMENTO?**
- 16 E SEU MARIDO SEMPRE FOI O CHEFE DA FAMÍLIA?**
- 17 A SENHORA TEVE A PREOCUPAÇÃO DE REPASSAR OS ENSINAMENTOS DE ESPOSA, MÃE E DONA DE CASA PARA SUAS FILHAS?**
- 18 E A VIDA PROFISSIONAL DA SENHORA?**
- 19 E A SENHORA CONFIRMA A IDEIA DE QUE LUGAR DE MULHER É EM CASA CUIDANDO DO LAR, DO MARIDO E DOS FILHOS?**
- 20 A SENHORA SE PREOCUPAVA COM A BELEZA?**
- 21 QUANDO A SENHORA ERA ADOLESCENTE QUE LUGARES FREQUENTAVA?**
- 22 QUANDO ADOLESCENTE SEMPRE QUIS CASAR E TER FILHOS OU TINHA OUTROS INTERESSES?**